



Consagrada pelos carros mais seguros do mundo, Volvo investe também na segurança do planeta

Conferimos de perto a etapa brasileira da The Ocean Race, maior competição de vela do mundo, que tem a montadora sueca como uma das principais parceiras



Os grandes transatlânticos que entram e saem diariamente do Porto de Itajaí, em Santa Catarina, abrem espaço para barcos menores, mas não menos potentes, durante o mês de abril.

Os veleiros da The Ocean Race, tradicional regata de volta ao mundo, aportaram no Brasil após cerca de um mês velejando, naquela que é considerada a perna mais difícil da corrida, com partida da Cidade do Cabo, na África do Sul.

Mais do que uma competição, a The Ocean Race é um compromisso com a sustentabilidade. Na edição deste ano, por exemplo, todos os barcos levam a bordo equipamentos especializados para medir uma série de variáveis ao longo da rota. Os dados coletados serão analisados por cientistas de oito grandes organizações de pesquisa para entender melhor o impacto das mudanças climáticas e da poluição plástica sobre os oceanos.

A Ocean Live Park, nome da estrutura do evento onde os barcos recebem manutenção, é um verdadeiro parque de diversões. Além de diversos brinquedos montados, é onde se encontram atividades educativas para crianças e adultos sobre os oceanos e exposições sobre a competição.

Todos os visitantes também tinham acesso ao Deck Volvo, espaço construído pela montadora que servia de ponto de encontro para os amantes da marca. Neste local a Volvo deixava em exposição os carros 100% elétricos da marca: o XC40 e o C40, e proporcionava uma experiência gameficada de corridas demonstrando a geração de energia elétrica por meio de movimentos das pessoas numa plataforma.



Mas, você deve estar se perguntando, onde a empresa de carros entra nessa história?

Principal patrocinadora da corrida, a Volvo possui um pilar de sustentabilidade muito aavado, inclusive foi a primeira montadora a eletrificar toda sua frota e é hoje a empresa que mais investe em infraestrutura de carregamento de carros elétricos no país – com metas ousadas, também em nível global, como a de atingir a neutralidade climática até 2040.

E foi a convite deles que embarcamos para a cidade-sede do evento, e vamos te contar um pouco mais sobre essa experiência.

A experiência sustentável com a marca começou desde a chegada. Todos os convidados foram presenteados com kits de boas-vindas que introduzia o porquê da marca estar associada ao evento – a conexão com a sustentabilidade, claro – e instruída o uso, por exemplo, da garrafa reutilizável durante todas as atividades, evitando o uso do plástico.

Durante os dias por lá acompanhamos mais sobre a vida dos ve-

lejadores, tendo a oportunidade de visitar um barco e até bater um papo com eles. A Volvo também proporcionou diversos momentos de conteúdo relacionados ao meio ambiente. Iniciamos com um bate-papo com convidados de peso como Torben Grael, bicampeão olímpico de vela e vencedor da The Ocean Race, e sua esposa, a veterinária Andrea Grael.



“Velejar é um grande amor. Participamos de campeonatos como este por amor aos mares e ao planeta. É preciso muito preparo para ficar mais de 200 dias em mar aberto. E o que encontramos durante esta longa viagem muitas vezes nos surpreende e nos força a ter uma conexão ainda maior com os mares”, afirmou o velejador brasileiro, um dos maiores capitães de regata do mundo.

Andrea destacou sua conexão com os mares e o reflexo nas atitudes do dia a dia. “Quando estamos navegando, observamos tudo. Eu busco um olhar sob a perspectiva dos animais marinhos, e percebo como eles sofrem com a quantidade de lixo. É muito importante que todos tenham preocupação com a redução na geração de resíduos.”

Outro grande nome que trouxe ensinamentos sobre o compromisso com o planeta foi o capitão licenciado do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, Léo Farah, que esteve em importantes missões de desastres ambientais dentro e fora do país. “Além de buscar soluções para reduzir os impactos, temos de aprender rapidamente a conviver com os efeitos das mudanças climáticas e acreditar que pequenas atitudes também podem ajudar a salvar vidas e mudar o mundo”.

Para encerrar a nossa participação, a montadora decidiu colocar em prática tudo o que escutamos no evento. Em parceria com a ONG Euceano realizamos uma limpeza de praia com o incentivo de tornarmos essa ação regular no nosso dia a dia, nos mostrando ser possível fazer muita diferença com pequenas ações.



C40: disponível no Brasil, modelo custa a partir de R\$ 429.950 (Volvo/Divulgação)

“Somos uma marca que vive seus valores e para nós é importante estar próximo de eventos como estes. A Volvo entende que o cuidado com as pessoas envolve não só a segurança de nossos carros mas também de nosso planeta”, afirma Luís Rezende, presidente da Volvo Car na América Latina. “Hoje, estamos em uma posição de protagonismo na transição energética, parte fundamental do esforço para conter o aquecimento global, o que nos levou a ter um olhar profundo sobre o que está fora do carro.”

A Volvo Car Brasil tem a ambição de eliminar resíduos e aumentar a parcela de material reciclado e de base biológica em seus carros até 2025. Um passo nesse sentido foi dado com a substituição do couro nos assentos do C40 por um revestimento vegano: o microtech, que é composto de um material à base de PVC com um suporte têxtil feito de poliéster 100% reciclado.

O movimento de marcas e grandes eventos em favor da defesa de recursos naturais são a prova de que competição leal é aquela que tem por trás um propósito. E que, sim, os ventos sopram a favor daqueles que, ainda que tenham sido parte do problema, saibam ser também parte da solução.

Chinesa GWM define data para começar produção de carros no Brasil



Para marcar o início das atividades no ano que vem, a Great Wall escolheu uma data simbólica: o Dia do Trabalho, 1º de maio

A montadora chinesa Great Wall Motor (GWM) anunciou hoje que vai iniciar em maio de 2024 a produção de carros na fábrica comprada em agosto de 2021 da Mercedes-Benz. A unidade fica em Iracemápolis, no interior paulista, e vai produzir picapes e utilitários esportivos (SUVs) com motorização híbrida que combina um motor flex, movido tanto a gasolina quanto a etanol, a outro elétrico plug-in, com bateria carregada na tomada.

Para marcar o início das atividades no ano que vem, a Great Wall escolheu uma data simbólica: o Dia do Trabalho, 1º de maio. Em janeiro de 2022, ao anunciar o plano de investir R\$ 10 bilhões em dez anos no Brasil, a montadora divulgou a expectativa de abrir 2 mil empregos diretos - ou seja, sem incluir fornecedores - na nova fábrica. Na época, mirava o lançamento de seu primeiro carro produzido no Brasil no segundo semestre de 2023, com a arrancada da linha já no primeiro semestre deste ano.

Segundo o diretor de assuntos institucionais da Great Wall, Ricardo Bastos, a mudança no cronograma se deu porque, entre outros motivos, a empresa dedicou mais tempo do que o previsto a estudos e pesquisas para definição da tecnologia mais adequada ao mercado brasileiro. Ele diz que a intenção é produzir no País uma picape que, apesar do custo pesado do motor elétrico, poderá competir em preço com as concorrentes movidas a diesel. "Queremos entregar algo melhor em termos de força e eficiência a um preço próximo das picapes a diesel", explica.

O anúncio oficial da data de estreia da linha de montagem foi feito em cerimônia na fábrica com a presença do vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin, que era governador de São Paulo quando a Mercedes-Benz, em março de 2016, inaugurou a unidade. "A prefeita Nelita Nelita Michel, prefeita de Iracemápolis está feliz porque

eu participei, aqui, da inauguração da fábrica. Nós trabalhamos muito para a Mercedes-Benz vir para cá. Fizemos obras, rodovias, investimentos. Depois, ficamos tristes quando fechou", declarou o vice-presidente, em seu discurso para, na sequência, expressar a satisfação com a chegada da Great Wall.

"Hoje, é um dia de grande alegria porque a fábrica não só reabre mas reabre com tecnologia de ponta, fabricando veículos híbridos, veículos elétricos, ajudando a salvar o planeta com descarbonização."

Sistema CKD

Durante a cerimônia, foi apresentada, com camuflagem parcial, a picape média Poer, um dos dois modelos que serão montados pela Great Wall em sua primeira etapa de produção no Brasil. Embora a unidade seja a terceira fábrica completa da montadora fora da China - somando-se a Rússia e Tailândia -, a produção em Iracemápolis vai começar em esquema de CKD - isto é, apenas a montagem de conjuntos de componentes importados da China, incluindo motor.

Ricardo Bastos, porém, adianta que a montadora já trabalha com fornecedores brasileiros visando um futuro aumento gradual de peças nacionais nos veículos. Conforme o diretor da Great Wall, no segundo semestre, a montadora começa a trazer da China os equipamentos da fábrica. Projetada pela Mercedes para produzir até 20 mil carros de luxo por ano, a capacidade de produção será ampliada para 100 mil veículos, um volume que será destinado não só ao Brasil, mas também a outros mercados da América Latina. As máquinas que eram usadas pela montadora alemã e não servem para os modelos chineses foram vendidas. Já a linha de pintura, diz Bastos, não precisará de muita adaptação.

Antes da produção, a Great Wall dá início a importações de carros no Brasil com o SUV híbrido Haval H6, atualmente em fase de pré-venda. Até o fim do ano, 50 concessionárias da marca devem ser inauguradas no Brasil.

Nova lei da placa entra em vigor e gera confusão; veja o que realmente muda



Em vigor desde a quinta-feira passada, a nova lei 14.562/2023 torna crime inafiançável dirigir veículos em geral sem placa ou com adulteração de chassi, assim como reboques, automotores elétricos e híbridos, situação que anteriormente o Código Penal não previa. A pena será de reclusão de quatro a oito anos e multa.

Publicado no Diário Oficial, o texto altera o art. 311 do Decreto-Lei nº 2.848 do Código Penal, que considerava crime apenas a adulteração dos sinais identificadores de veículos automotores. Agora, foi estendida a criminalização, com a mesma pena, aos veículos não automotores. Um dos objetivos da nova lei é coibir o roubo de carga, já que agora o crime não se limita apenas ao veículo automotor, mas se estende aos respectivos reboques e implementos.

Ainda de acordo com a nova lei, a alteração se aplica a funcionário público que contribui para o licenciamento ou registro do veículo remarcado ou adulterado, fornecendo indevidamente material ou informação oficial.

Envolvidos em fraude veicular são criminalizados

Segundo o Governo Federal, a lei irá "suprir um vácuo legislativo que dificultava a punição de organizações criminosas que comercializam esses objetos provenientes de roubo ou furto". Com essa lacuna, a Justiça Brasileira trancava ações penais relacionadas a essas e outras adulterações.

Além disso, com a alteração, também houve a inclusão da tipificação da conduta de terceiro que adquire, recebe, possui instrumento ou outros objetos destinados à falsificação ou à adulteração de sinais identificadores de veículos.

As penas também foram estendidas ao receptor do veículo, tipificando a conduta de quem "adquire, recebe, transporta, conduz, oculta, mantém em depósito, desmonta, monta, remonta, vende, expõe à venda, ou de qualquer forma utiliza, em proveito próprio ou alheio."

Se a prática estiver relacionada à atividade comercial ou industrial, a pena é ampliada para quatro a oito anos de reclusão, mais multa.

Andar sem placa é crime?

No entanto, a nova lei de trânsito não dispõe sobre a circulação de veículos sem as respectivas placas, portanto, a prática continua sendo infração gravíssima, punida com multa de R\$ 293,47, sete pontos na Carteira Nacional de Habilitação (CNH) e remoção do veículo. Ou seja, a prática não se tornou crime, mas segue sendo considerada infração.



Você sabe a diferença entre gasolina comum e aditivada? Veja a diferença!

Os principais tipos de gasolina encontrados nos postos pelo Brasil são a comum e a aditivada, embora algumas bandeiras também disponibilizem a chamada gasolina premium, batizada com um nome diferente em cada rede - DT Clean, Podium, etc.

Como as mais vendidas - e mais em conta - são justamente a comum e a aditivada, vamos explicar a você quais as principais diferenças entre esses dois tipos de gasolina.

Vamos lá?

Gasolina comum

A gasolina comum, como está explícito no nome, é a mais "comum" de todas. Por conta disso e, claro, pela sua composição, que falaremos a seguir, ela é um pouco mais barata do que a aditivada.

A gasolina do tipo comum é composta por 27% de etanol anidro e não tem qualquer aditivo de limpeza ou substância que ajude a proteger o motor. O problema desta fórmula é que, com o passar do tempo, resíduos carboníferos podem ficar depositados sobre as válvulas de admissão do motor, comprometendo o rendimento e aumentando o consumo.

Gasolina aditivada

Assim como a gasolina comum, a aditivada também tem em sua fórmula 27% de etanol anidro. E por que ela apresenta qualidade superior do que a comum? A resposta é bem simples.

A gasolina aditivada também tem em sua composição a presença de aditivos e dispersantes químicos que ajudam na limpeza do motor, aumentando a vida útil dos componentes.

Eles desprendem a sujeira depositada nas válvulas de admissão do motor, protegem do acúmulo e ainda lubrificam o sistema, incluindo os bicos de injeção eletrônica.

Comum x aditivada: Qual gasolina é melhor?

Agora que já explicamos as principais diferenças entre gasolina comum e gasolina aditivada, vamos tentar responder à "pergunta do milhão": Qual a melhor para o carro?

A resposta, na verdade, é bem clara: a aditivada é, sim, melhor para a "saúde" do carro, pois danifica menos os componentes do motor e, de quebra, faz o veículo ter menos consumo de combustível.

"O abastecimento contínuo com combustíveis aditivados evita o acúmulo de partículas que prejudicam o desempenho do motor, o que reflete em um veículo com menos problemas a médio e longo prazo", avisou Gilberto Posen, que trabalha no setor de análises da Raízen, licenciada da Shell.

Outro ponto levantado pelo especialista a favor da gasolina aditivada é que ela é a mais indicada também para pessoas que utilizam pouco o carro, ou seja, deixam o veículo mais parado na garagem do que em circulação.



Governo quer aumentar proporção do etanol na gasolina para reduzir emissões

A gasolina que hoje abastece os carros com motores a combustão no Brasil tem em sua mistura 27,5% de etanol, mas essa proporção deve mudar em breve. O governo quer aumentar a presença do biocombustível na gasolina para 30%, conforme revelou o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira.

O ministro vai levar a proposta para a mesa do Conselho Nacional de Política Energética (CNPE), que deverá discutir o tema em sua próxima reunião, ainda sem data agendada. O assunto não é debatido pelo CNPE desde 2015, ocasião na qual o percentual de etanol na gasolina subiu para 27,5%.

"Vamos trabalhar para aumentar o teor de etanol na gasolina para 30%. Isso deverá acontecer de maneira gradual,

com previsibilidade e transparência. Vamos fazer, junto com a indústria automotiva e o setor produtivo de etanol, essa avaliação técnica para dar segurança aos consumidores", avisou o ministro, em coletiva.

A conversa com os representantes da indústria automotiva tem um fundo técnico. Ela servirá para saber se a elevação do teor de etanol de 27,5% para 30% na gasolina causará algum dano aos motores, especialmente aos que não são dotados da tecnologia flex, ou seja, foram desenvolvidos para rodar somente com gasolina.

"Combustível do futuro", etanol reduzirá emissões

O ministro de Minas e Energia também revelou que o Congresso Nacional avaliará, em breve, a possibilidade da criação do

programa Combustível do Futuro. A ideia é mostrar que o etanol é uma parte importante da descarbonização da frota brasileira, principalmente por meio da produção de carros híbridos flex.

Segundo dados divulgados pela pasta, a simples alteração na fórmula da gasolina para conter 30% de etanol em sua mistura fará com que 2,8 milhões de toneladas de CO2 deixem de ser emitidas anualmente no Brasil. Além disso, o consumo de etanol no país passaria a ser de 1,3 bilhão de litros.

Para o ministro, esta seria uma excelente forma de alcançar uma das prioridades estabelecidas pelo governo Lula, que é o de "fomentar a indústria sucroenergética do país" e, ainda, "melhorar a sustentabilidade do

setor de combustíveis e a matriz energética brasileira".

O que muda para o consumidor?

E para você, canaltecher que está lendo esse conteúdo, o que muda na prática a possível elevação do teor de etanol na gasolina que vai no tanque do seu carro?

A alteração poderá fazer com que o consumidor comum pague ainda mais caro pelo litro da gasolina, mesmo com ele contendo cada vez mais etanol em sua mistura.

Isso acontecerá caso a produção do biocombustível passe por períodos de baixa, a chamada entressafra. Nesses momentos, os produtores focam os esforços para o açúcar, o que acaba gerando a elevação do preço do etanol.



Com 10 anos no Brasil, AutoZone atinge a marca de 80 lojas



Com uma média de mais de 5 milhões de clientes atendidos por ano, a expectativa da empresa é continuar sua expansão orgânica pelo Brasil

Com mais de 7 mil lojas espalhadas pelo mundo, a AutoZone vem expandindo sua atuação no mercado brasileiro. Reconhecida mundialmente como um dos principais players

de varejo de peças de reposição e acessórios automotivos, a empresa completou 10 anos de operação no mercado nacional. Atualmente, a marca é líder de vendas em todo o mundo, com foco em conveniência, agilidade e resolutividade, se destacando pelo pioneirismo e qualidade que trouxe ao segmento de peças automotivas.

No Brasil, a AutoZone conta hoje com mais de 50 mil itens entre peças e acessórios, disponíveis para carros e motos. Atualmente, são mais de 80 lojas na cidade de São Paulo, interior paulista, norte do Paraná e sul de Minas Gerais e Goiás, além de um grande Centro de Distribuição em Paulínia e um escritório central, também em São Paulo – que presta assistência especializada para toda a rede no país. Para este ano, o foco da companhia tem sido a entrada em novos mercados brasileiros e adensamento em áreas onde já possui loja.

A história de sucesso da AutoZone começou em 1979, nos Estados Unidos, quando o seu fundador, Pitt Hyde, abriu a primeira loja da rede. Ali, o executivo detectou a falta de lojas boas e de qualidade no setor, criando um novo conceito para o negócio de peças de automóveis: lojas limpas, bem-organizadas, produtos acessíveis e um serviço de excelência com vendedores especialistas em autopeças e acessórios para automóveis.

Hoje, a empresa, que está sediada em Memphis (Tennessee – Estados Unidos) e com

operações no México e Brasil, possui uma extensa linha de produtos com marcas próprias de alta qualidade. Nos EUA, foi classificada como uma das 250 maiores empresas pela revista Fortune e alcançou o 39º lugar em ranking das Melhores Empresas para se Trabalhar realizada pela revista Forbes em 2021, com 750 multinacionais.

De acordo com Mauricio Braz, presidente da AutoZone Brasil, a expectativa para os próximos 5 anos é continuar expandindo o número de lojas no país. "O brasileiro possui uma relação especial com seu carro e por isso o mercado brasileiro de autopeças tem um grande potencial e foi a nossa escolha para dar continuidade à expansão internacional da AutoZone.

Nesta primeira década de atuação no país, testamos os diferentes tipos de mercados e suas variáveis, como hábitos de consumo, adequação do nosso modelo, custos operacionais, etc. Começamos pelo Estado de São Paulo, inicialmente pelas cidades do interior, e a expansão seguirá em ritmo acelerado nos próximos anos", diz o executivo.

Redes de postos começam a cobrar por recarga de carros elétricos no Brasil

O aumento nas vendas de carros híbridos e elétricos tem causado um avanço geral na eletromobilidade do Brasil. Um dos sinais é a evolução nos postos de recarga, em volume, variedade e qualidade. Para isso, pontos gratuitos, que serviram como um incentivo inicial, deixam de ser a única opção e passam a conviver com pontos que cobram pela recarga.

Com a cobrança vem a promessa de um melhor serviço, já que muitos carregadores públicos gratuitos carecem de reparos e atualizações, e com a

possibilidade de agendamento, para evitar filas de espera.

Tradicionais distribuidoras de combustíveis entraram para o ramo da eletromobilidade. A Raízen, empresa responsável por postos da Shell, já tem diversas estações de recarga Shell Recharge em rodovias e centros urbanos, com conectores CCS2 e CHAdeMO, e potências de 30 a 150 kW. O valor cobrado varia entre R\$ 1,90 e R\$ 2,10/kWh, ou seja, paga-se entre R\$ 95 e R\$ 105 para a recarga completa de um modelo com bateria de 50 kWh, como o Peugeot e-208 GT.

A Vibra, ex-BR Distribuidora, gestora dos postos Petrobras, também já possui sete carregadores com potência máxima de 150 kW no Brasil, com plugues CCS2, Tipo 2 e CHAdeMO. Por enquanto, esses eletropostos Petrobras não cobram pela recarga, mas no segundo semestre acaba a gratuidade. Os valores a serem cobrados ainda não foram definidos.

No posto dedicado totalmente à recarga de elétricos, inaugurado recentemente em São Paulo pela EZVolt, que é uma parceria com a Vibra, o consumidor já paga (R\$ 1,97/

kWh). Para um veículo cuja bateria tem 50 kWh, uma recarga completa sai por R\$ 98,5. Nos dois casos, Shell e EZVolt/Petrobras, o pagamento é feito via aplicativo.

Como comparação, postos da Alemanha cobram cerca de 0,40 euros/kWh, ou seja, aproximadamente R\$ 2,25/kWh. E, nos Estados Unidos, é preciso desembolsar, em média, US\$ 0,40/kWh, ou R\$ 2,10/kWh. Ou seja, numericamente, fica mais caro recarregar nesses países, onde ainda existem eletropostos públicos com recargas gratuitas.

